

**Nzinga Mbandi conquista Matamba: legitimidades e poder feminino na África
Central. Século XVII.**

Mariana Bracks Fonseca

Doutoranda- USP

O reino de Matamba

O reino de Matamba localizava-se entre o Ndongo e o Congo, a leste do rio Kwango, na margem direita do rio Lucala, corresponde a atual Baixa de Cassange na região de Malanje.

Matamba foi nominalmente tributária ao Congo até meados do século XVI, quando o rei do Congo Afonso I o incluía em suas possessões.¹ As tradições orais falam de um rei de Matamba que se rebelou contra o Congo e ampliou seu domínio sobre outras terras e vassalos, a partir de sua capital em Mocaria Camatamba, por volta de 1560.² Matamba foi gradativamente se libertando das obrigações ao rei do Congo e o poder foi centralizado em torno de um soberano independente.

Nos mitos de origem, o rei ferreiro Samba Ngola Mussuri utilizou o conhecimento da metalurgia para vencer os exércitos do Congo e se impor sobre os vizinhos. O povo Samba consta como os pioneiros do domínio das técnicas de fundição do ferro, úteis para forjar armas e instrumentos agrícolas, e Matamba configura-se como berço desta arte³.

Ngola assumiu a forma de objetos de ferro e difundiu-se rapidamente entre as linhagens Mbundo como insígnia de poder, que conferia a seu guardião a capacidade de resolver conflitos através do acesso ao mundo espiritual e assim centralizar o poder no

¹ Carta de D. Afonso para D. João III. 28/01/1530. Em Brásio. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952. vol.I. p.540. Carta del-Rei do Congo a Paulo III. 21/02/1535. Em Brásio. Vol.II. pp.38-40.

² Cavazzi, Giovanni de Monteculo. Manuscrito Araldi: "Missione evangelica al regno di Congo".vol.A. livro I,pp.5-6, livro2 pp.42-43.

³ Variações fonéticas entre o kicongo e o kimbundo transformaram a palavra "Tsamba" em Matamba, sendo Matamba o reino do povo Samba. Ver Miller, J. *Poder político e parentesco: os antigos estados Mbundu em Angola*. Trad. De Maria da Conceição Neto. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995 p.64.

grupo familiar. A adoção do símbolo Ngola permitiu maior autonomia das linhagens e a reconfiguração das hierarquias políticas.

Kiluanje Kya Samba é recordado por levar o símbolo Ngola para a região dos Mbundo onde atuou como princípio de centralização política e de estruturação das linhagens e passou a representar o título do soberano no reino do Ndongo.⁴ A palavra *Kiluanje* significa conquistador e mostra como as instituições Samba penetraram na região dos Mbundo. A origem do princípio político *ngola* confirma a proximidade entre os reinos do Ndongo e de Matamba, também chamada de Ndongo Oriental⁵.

Durante meados do século XVI, o Reino da Matamba era governado por uma rainha, que recebeu missionários enviados pelo *mani* Congo Diogo I (1545 a 1561), mas nada indica que tenha se convertido ao catolicismo.⁶ A rainha era reputada pelas substanciais minas de prata e outros minerais em seu território e construíra sua capital estrategicamente perto das minas de ferro do vale do rio Nzongéji.⁷

Em 1590, o governador Luis Serão reuniu quinze mil homens para conter os exércitos de Matamba, que auxiliado pelo Congo, Ndongo e Guindas, vinham com cerca de um milhão de homens “com determinação de darem batalha ao governador e vossos vassalos”.⁸ Na mesma época, o exército de Matamba foi enviado para ajudar o vizinho Ngola na batalha do Lucala, quando juntos derrotaram a guerra preta dos portugueses. Percebe-se que Ndongo e Matamba eram reinos aliados, que articularam juntos a resistência contra a “conquista” portuguesa na região.

Os portugueses invadiram Matamba no governo de Luis Mendes de Vasconcelos (1617-1621) sob o comando de seu filho e Tenente-Geral, João. Cadornega narrou a entrada no reino com grande destruição dos povoados e casas, inclusive a morada da rainha Mulundo Acambolo⁹, que fugiu, mas mandou vários esquadrões para enfrentar os

⁴ Miller. *Poder político e parentesco*. P.65.

⁵ Cavazzi. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. Vol. I. p. 253.

⁶ Campos, Fernando. A data da morte de D. Verónica I, Rainha do Ndongo e Matamba. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*.n.04. USP. São Paulo, 1982.

⁷ Costa e Silva, Alberto. *A enxada e a lança: A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002. P. 522.

⁸ Abreu de Brito, Domingos. *Sumário e Descrição do reino de Angola e do descobrimento da ilha de Loanda e da grandeza das capitãias do Estado do Brasil* (1592). Coimbra, 1931.

⁹ Cadornega. *História Geral das Guerras Angolanas*. Vol. I. P. 94. O nome desta rainha também aparece como Muhongo-a-Cambolo em Heintze. *Fontes para a história de Angola*. Vol.II. p.235.

portugueses. Estes só conseguiram sair vivos desta batalha “mui renhida e sangrenta”, em que passaram “grandes apertos”, graças à ação da cavalaria.¹⁰

A invasão de Matamba foi muito violenta, os portugueses queimaram e destruíram povoações e lugares sagrados, como a moradia dos antigos reis. Mataram poderosos e centenas de moradores foram escravizados. O Tenente-Geral João Mendes de Vasconcelos foi considerado um “conquistador” ambicioso e violento, que atacou centenas de vilarejos sem piedade, o que resultou em grande lucro para si e para seu pai, considerado um dos mais perniciosos governadores de Angola do século XVII.¹¹

Nzinga conquista Matamba

Nzinga Mbandi é a mais célebre rainha de Angola, muito questionada e estudada na história universal, viveu mais de 80 anos e simboliza hoje a resistência africana.¹² Não pretendo aqui pontuar os fatos vividos por ela e sim analisar o significado político da conquista de Matamba, já que isto lhe permitiu reorganizar e expandir seu poder na região. Para isto, é preciso compreender o contexto das invasões portuguesas em Angola no século XVII e discutir a legitimidade do poder feminino na África Central.

A guerra contra o Ndongo, movida pelo mesmo Luiz Mendes de Vasconcelos em 1617, marca o início da perda de independência daquele reino.¹³ Ngola Mbandi havia acabado de assumir o poder e foi duramente atacado pelo governador. Em mais de cinco anos de lutas, o Ngola teve sua capital incendiada, súditos aprisionados, territórios invadidos; enfraquecido se exilou em uma ilha do rio Kwanza.

O sucessor de Vasconcelos, João Correia de Souza, buscou resolver a situação e em 1622, Nzinga Mbandi, irmã do Ngola, foi a Luanda assinar o acordo de paz. A embaixadora impressionou a todos com sua postura resoluta, não permitindo a subjugação do Ndongo, e foi batizada com o nome de Anna de Souza. O acordo jamais foi cumprido pelos portugueses e Ngola Mbandi morreu dois anos depois, desgosto na

¹⁰ *Idem*. P. 95.

¹¹ Heintze, B. *Angola nos séculos XVI e XVII*. P.283

¹² Mata, Inocência (org.). *A rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito*. Lisboa: Edições Colibri, 2012. Ministério da Cultura de Angola e UNESCO. *Njinga a Mbande e Aimé Cesaire: Independência e universalidade*. Catálogo do seminário e da exposição comemorativa dos 350 anos do aniversário de morte da soberana. Luanda, 13 e 14 de dezembro de 2013.

¹³ Heintze, B. *Angola nos séculos XVI e XVII*. P.283

ilha. Nzinga Mbandi matou seu sobrinho herdeiro do trono e se apoderou das insígnias de poder do Ndongo.

Em 1626, o governador Fernão de Souza (1624-1631) armou um golpe de Estado e declarou que Nzinga não era mais a soberana do Ndongo. Nzinga não aceitou perder o poder e aliou-se a bandos de guerreiros jagas, o que lhe trouxe ganho militar e lhe permitiu desafiar os portugueses nas décadas de 1620 e 1630.

Após a fabulosa fuga pela Quina Quineni em 1629 (quando desceu um desfiladeiro amarrada em cipós), considerada como sua segunda expulsão do Ndongo, Nzinga se uniu ao poderoso jaga Cassanje, e juntos marcharam às terras dos Anzicos (Tio)¹⁴. Aproximadamente em 1630, Nzinga entrou no reino de Matamba e assumiu o título de rainha. A Cavazzi assim narrou o episódio:

“Penetrou ela até Macaria-ca-Matamba, onde morava Muhongo-Matamba, que depois da morte de Matamba-Cambolo, seu pai, fora eleita rainha. A cidade foi tomada e a infeliz senhora, com a sua única filha, caiu nas mãos de Jinga, que, mediante ferros em brasa, marcou vergonhosamente a ambas como escravas. Porém, pouco tempo depois, como que arrependida deste bárbaro tratamento, compensou a afronta, destinando a mãe ao governo duma parte do reino, com o título de sua irmã.”¹⁵

Não se sabe até que ponto esta crueldade foi real ou apenas parte do discurso etnocêntrico de Cavazzi, que descreveu as atitudes de Nzinga- enquanto esteve unida aos jagas- como bárbaras e selvagens. Penso que a antiga rainha de Matamba enxergou em Nzinga a possibilidade de manter seu reino independente e expulsar os portugueses, que o tinham dominado de forma cruel e violenta nas décadas anteriores. No contexto das invasões lusitanas, Nzinga aparecia como a melhor alternativa para proteger a população e salvaguardar o reino, pois vinha acompanhado de bem treinados guerreiros jagas. Mulundo Acambolo e sua família permaneceram com poder local, enquanto Nzinga assumiu o poder central do reino, fato que é confirmado pela presença da filha de Mulundo no momento da posse de D. Bárbara, irmã de Nzinga que assumiu o trono após sua morte em 1663. A antiga herdeira do trono de Matamba consentiu a

¹⁴ O Extenso relatório do governador a seus filhos. P. 346. Em Heintze. *Fontes para a história de Angola*. Vol.I, 1985.

¹⁵ Cavazzi. P. 79

entronização da nova rainha, mostrando que aquela linhagem real concordava com o governo iniciado por Nzinga.

Quando se apoderou de Matamba, Nzinga gozava do título *Tembanza*- principal sacerdotisa dos jagas- e cumpria com rigor as leis *ijila* (plural de *kijila*), que estabeleciam rígida disciplina militar, a antropofagia ritual e proibiam os nascimentos no interior dos kilombos (acampamentos nômades em que viviam). Como rainha de Matamba, Nzinga continuou comandando grupos jagas e cumprindo as determinações das *ijila*, que vigoraram até sua “reconversão” ao cristianismo em 1656.¹⁶ Mas em que medida as instituições políticas existentes em Matamba se acomodaram à organização dos kilombos jagas? Neste período, Nzinga e seus jagas se fixaram na região de Matamba, mas não abandonaram o modo de vida guerreiro, continuaram a guerrear pelos arredores, atacando os pumbeiros e feiras e invadindo os sobados aliados aos portugueses como forma de pressão política. O maior alvo dos ataques foi Ngola Ari (que assumira o poder no Ndongo com o golpe de 1626), a quem Nzinga queria enfraquecer. Fernão de Souza registrou os ataques sistemáticos de Nzinga aos sobas aliados aos portugueses a fim de impedir a cobranças dos tributos, o que fragilizava a administração colonial e forçava a reconfiguração das alianças políticas.¹⁷

No contexto de guerra generalizada, era grande a movimentação de pessoas que buscavam escapar da escravização ou da morte. Matamba se tornou um importante pólo de atração populacional, assim como os territórios de Cassanje, Ndembos, Ndala Quisua e Quissama. O governo em Angola preocupava-se com a enorme quantidade de gente que fugia do Ndongo por não acreditar na legitimidade de Ngola Ari e ia buscar proteção da rainha em Matamba, dentro os quais diversos sobas outrora aliados dos portugueses. Fernão de Souza temia que a região do Ndongo ficasse em breve despovoada e Ngola Ari, sem súditos.¹⁸

Nzinga passou a receber em Matamba pessoas de diferentes origens étnicas. Provavelmente, todos os asilados eram treinados para se tornarem bravos guerreiros e

¹⁶ Carta da rainha Jinga ao governador Luiz Martins de Sousa Chichorro. 13 de Dezembro de 1655. Em Cavazzi.*Descrição histórica*. Vol.II. Documentos anexos nº45. P.330-332. Nesta carta Nzinga prometia em troca do resgate de sua irmã Mocambo, que trataria “logo de deixar parir e criar as mulheres seus filhos, cousa que até agora não consenti por ser estilo de quilombo...”

¹⁷ O Extenso relatório do governador a seus filhos. Em Heintze, *Fontes para a história de Angola*. Vol. I.1985. P.346.

¹⁸ Carta de Fernão de Souza. Heintze. *Fontes para a história de Angola*. Vol. I. P. 363.

passaram pelos rituais de iniciação dos jagas, assumindo esta nova identidade ligada à guerra e ao nomadismo. Nota-se que não eram apenas escravos que fugiam em busca de liberdade e de proteção, mas também homens livres e membros da elite do poder.¹⁹

Heintze analisou as conseqüências das fugas de escravos em Angola no século XVII, considerado “um século de fugitivos”. Para ela, todas as esferas da vida foram afetadas por estas movimentações populacionais que trouxeram conseqüências militares, econômicas, políticas, socioculturais e demográficas. “Desencadeavam-se processos recíprocos que contribuíram para romper normas rígidas, gerar novos valores e fomentar o surgimento de novas elites.”²⁰

Ao consolidar seu poder em Matamba, Nzinga passou a guerrear os sobas Ndembos, potentados independentes que estavam ao norte, próximo às fronteiras sul do Congo. Com isto, Nzinga conseguiu a livre passagem pelo rio Ndande e assim criar rotas alternativas àquelas utilizadas pelos portugueses, que se tornaram inseguras devido aos constantes ataques que ela empreendia. Segundo Costa e Silva, em pouco tempo Nzinga transformou Matamba em um estado poderoso graças às mudanças que impôs na rota do tráfico de escravos. As tropas da rainha passaram a aterrorizar as caravanas dos pumbeiros, que eram constantemente assaltadas e tinham os escravos capturados. Mas o que Nzinga fazia com estes escravos? Certamente alguns foram vendidos, talvez seus principais inimigos, mas a maioria dos homens apreendidos foi utilizada para reforçar seu próprio exército. Nzinga transformou Matamba em “um estado militarmente forte, agressivo e quase fora do alcance dos exércitos lusitanos, e continuaria por muitos a ser considerada como o verdadeiro ngola, o verdadeiro rei do Dongo.”²¹

Poder feminino em Matamba

Na análise de Miller, Nzinga teria conquistado Matamba porque naquele reino tradicionalmente as mulheres governavam sem nenhuma interdição. Nzinga teria ido

¹⁹ Heintze. *Angola nos séculos XVI e XVII*. P.532.

²⁰ Heintze. *Angola nos séculos XVI e XVII*. Capítulo 12. Asilo ameaçado. PP.507-536.

²¹ Costa e Silva, Alberto da. *A manilha e o libambo*. P. 442-443

atrás deste precedente externo para se legitimar no poder já que, na visão deste autor, não era legítima ao trono do Ndongo.²²

Parreira não concorda com a tese da ilegitimidade defendida por Miller e discorda de que o sexo tenha sido o fator determinante para a conquista de Matamba. Para ele, esta conquista não foi uma escolha deliberada de Nzinga, ao contrário, a ocupação de Matamba foi porventura a única e derradeira alternativa que lhe restou.²³

Em minha opinião, Nzinga foi estrategicamente à Matamba, pois já conhecia a história daquele reino e presumia que sua governante lhe apoiaria. Defendo que Mulundo Acambolo concedeu o trono a Nzinga por considerá-la mais apta a lutar contra os portugueses e garantir assim a soberania de Matamba. Nzinga apareceu como alternativa à colonização lusitana: era guerreira, valente, seguida por milhares de jagas bem treinados e poderia restituir a “paz” ou, pelo menos, a expulsar os portugueses da região.

Retomo a proximidade histórica entre Matamba e Ndongo para questionar: por que o poder feminino seria instituído no primeiro e não tolerado no segundo? Não me parece que a interdição a mulheres governarem existia de forma tão evidentemente no Ndongo de modo a deslegitimar Nzinga, como afirmou Miller. Acredito que esta proibição foi criada pelas linhagens rivais e sustentada pelos portugueses, que com sua visão de mundo essencialmente machista, queriam rebaixar o lugar social das mulheres no universo africano. Fernão de Sousa afirmou que as mulheres não poderiam assumir o reino do Ndongo²⁴, mas até que ponto isto representa uma realidade ancorada nas tradições daquele reino ou foi um fator apresentado pelo governador e pelas linhagens que disputavam o poder para contrapor à legitimidade de Nzinga?

Thornton buscou os precedentes que legitimavam o poder no Ndongo e concluiu que estes eram historicamente construídos e manipulados em função dos interesses das linhagens que disputavam o poder.²⁵ Em Matamba, Nzinga conseguiu formar um estado

²² Miller, J. “Nzinga of Matamba in a new perspective”. *The Journal of AfricanHistory*. V.6, n.2, 1975. pp.201-216.

²³Parreira, Adriano. *Economia e sociedade na época da Rainha Jinga*. p.181

²⁴Carta de Fernão de Sousa ao governo. 25/08/1629. Heintze. *Fontes para a história de Angola*. Vol.II. p. 231. E Carta de Fernão de Sousa ao governo. 8/01/1630. *Idem.Ibidem*. p. 244.

²⁵Thornton, John. “Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624-1663”. *The Journal of African History*, Vol. 32, No. 1 (1991), pp. 25-40. Cambridge University Press.

que tolerava sua autoridade e construiu uma forte base de apoiadores leais que a ajudaram a se sustentar no governo. Mas para este autor, Nzinga teria se “tornado homem” para atender o requerimento ideológico que restringia a participação feminina no poder, e por isto se engajou em atividades viris, como liderar as tropas e manusear armas.

Não concordo que havia de fato este impedimento à participação das mulheres no poder. Na narrativa de Cavazzi, o primeiro Ngola foi sucedido por suas filhas, Zunda e Tunda-dia-Ngola, evidenciando o poder feminino no Ndongo desde a segunda geração do título.²⁶ Nas genealogias registradas pelas tradições orais, as mulheres aparecem com frequência assumindo governos e posições centrais na África Central.²⁷

Mas comandar tropas e manejar armas eram tarefas exclusivas de homens? As mulheres jagas sempre acompanhavam os deslocamentos dos kilombos, mas permaneciam no acampamento preparando os alimentos ou fazendo alguma tarefa logística enquanto os homens batalhavam.²⁸ Sem dúvida, Nzinga transpôs este papel que as mulheres tinham no interior do kilombo, pois comandou seu exército pessoalmente, era uma excelente lutadora, tinha força física, agilidade e sabia manusear muito bem as armas.²⁹ Mas os jagas já conheciam mulheres guerreiras, como a mítica rainha Temba Ndumba, memorada nas tradições como uma guerreira destemida, e simbolicamente Nzinga ocupava esta posição através do título *Tembanza*.³⁰

Talvez fossem os europeus, seus opositores, que entendiam estas atividades como parte do universo masculino. Homens e mulheres ocupavam lugares sociais distintos na Europa e na África. Entendo que a dita “mudança de gênero” de Nzinga acompanhava as interpretações européias destes papéis sociais, o que não era necessariamente repetido em Angola. Talvez para os Mbundo, e principalmente para os jagas, não fosse algo tão extraordinário uma mulher no campo de batalha ou ocupando posições de comando. Cadornega escreveu várias vezes que Nzinga preferia ser chamada de rei e não de rainha. A mesma afirmação aparece repetidamente em

²⁶ Cavazzi. Vol. II. P. 38

²⁷ Mata, Inocência & Padilha, Laura C. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007. Cavazzi. Vol. II, p. 76.

²⁸ Cadornega. Vol. I. p. 66, 73, 104

²⁹ Cavazzi. Vol. II. p. 183.

³⁰ Cavazzi. Vol. I. p.162-166. Heintze. *Angola nos séculos XVI e XVII*. P. 155.

Castilhon.³¹ Pensamos no significado que as palavras “rei” e “rainha” tinham no contexto Mbundo do século XVII. Como seus súditos se referiam a Nzinga? Ngola? Cambolo? Certamente não usavam os vocábulo em português e as representações de gênero e poder tinham diferentes acepções.

Provavelmente, esta imagem de Nzinga “masculinizada” foi criada após a invasão de seu kilombo em 1646, quando encontraram “um harém de concubinos” travestidos. Um criado português, em especial, “por ser desbarbado”, foi encontrado vestido como mulher, sofria humilhações, era hostilizado e referiam-se a ele no feminino.³² Penso que este tratamento “degradante” era dispensado a alguns prisioneiros de guerra, principalmente aos portugueses, como uma forma de humilhação pública que lhes era imposta perante o kilombo vencedor. Cavazzi e Gaeta também registraram que a rainha tinha vários amantes, que se vestiam como mulher e eram condenados a pena de morte caso fossem infiéis.³³

Os “concubinos de Nzinga” encontraram grande ressonância na imaginação iluminista, que em sua perspectiva do “civilizado” X “primitivo”, reforçaram a descrição de Nzinga como uma rainha tirana e libidinosa. Talvez foram estas características que mais se propagaram no ocidente e repercutiram ao longo do tempo, alimentando o imaginário da barbárie entre os reinos africanos. Castilhon, no romance do século XVIII “*Zingha, Reine d’Angola*”³⁴ enfatizou o comportamento sexual bizarro da rainha de Angola, ávida por sexo que travestia seus amantes, comportava-se como homem e exigia ser chamada de rei. Marquês de Sade também rendeu homenagens à Nzinga em “*La philosophie dans le boudoir*”³⁵, em que a rainha foi representada como exemplo de revanche feminina sobre a dominação masculina.

³¹ Cadornega. *Op. Cit.* Castilhon, *Zingha, Reine d’Angola*. Histoire Africaine. Bourges: Edition de l’Association Gaymede, 1993.

³² Cadornega. Vol. I. P.416

³³ Cavazzi. *Missione evangelica*, vol. A, Book 2, 4I. Gaeta. *Maravigliosa Conversione*, 2 18-19

³⁴ Castilhon, J.-L. *Zingha, Reine d’Angola*. Histoire Africaine. Bourges: Edition de l’Association Gaymede, 1993. Primeira edição de 1770.

³⁵ Sade, Donatien Alphonse François de. *La philosophie dans le boudoir*. (1795). Paris, 1976. Uma análise apurada encontra-se em Sauvage, Emmanuelle. *Sade et l’exotisme africain: images de Noirs*. In: *Erudit, études littéraires*. v. 37 n.3, 2006. pp.97-116.

Vale lembrar que o detentor do título Ngola aparecia nas fontes, desde o século XVI, com dezenas de esposas, chamadas concubinas.³⁶ Se Nzinga se considerava legítima Ngola e gozava deste prestígio entre seus súditos, não poderia ela também dispor de vários “concubinos”?

A meu ver, esta “masculinização” de Nzinga foi exagerada pelas fontes, principalmente pelos padres capuchinhos que quiseram demonstrar o quão bizarro e demoníaco era o comportamento de Nzinga enquanto viveu como jaga.

Nzinga e os holandeses

Na iminência da invasão holandesa em 1641, O Conselho Ultramarino determinou:

“Que não se devia fazer guerra à rainha Nzinga e que se devia restituir a ela o seu reino, que o Governador Fernão de Souza injustamente lhe tinha tirado, sendo ela católica e vassala do nosso rei, e o deu a Angola Airi, seu vassalo, o que deu muito mau resultado.”³⁷

A instrução de restituir o reino do Ndongo a Nzinga foi expressamente apresentada pelo Conselho, pois isto poderia garantir a aliança dela com os portugueses. Ao reconhecer o erro de Fernão de Souza, o Conselho admitiu o fracasso do golpe político e revelou a importância de Nzinga e seu exército na correlação de forças na África Central. Portugal acabara de conquistar sua independência em relação à Espanha e precisava sustentar o comércio de escravos em Angola, para isso contava com o apoio de Nzinga, uma líder poderosa que possuía grande exército e capacidade de agregação dos sobas da região.

A tentativa de reconciliação fracassou já que os portugueses não desocuparam os territórios invadidos, o que era posto como condição para Nzinga aliar-se a eles. Tão logo os holandeses se instalaram em Luanda, Nzinga mandou embaixada a eles propondo amizade, pedindo apenas que sustentassem a guerra contra os portugueses.

³⁶Felner, Alfredo de Albuquerque. *Angola. Apontamentos sobre a ocupação o início do estabelecimento dos Portugueses no Congo, Angola e Benguela extraídos de documentos históricos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

³⁷ Consulta de 19/10/1641. Livro de Consultas de serviço, fl.116. *Apud* nota do anotador José Mathias Delgado em Cadornega. Vol.I. p.216.

Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP Santos-2014

Para melhor negociar com os holandeses e acessar a via do rio Ndande, Nzinga mudou seu kilombo para região dos Ndembos, em sítio chamado Sengas de Cavanga, terras muito férteis. Os sobas Ndembos já se encontravam alevantados em oposição aos portugueses e impediam as passagens dos pumbeiros, por isto, o governador Pedro Cesár de Menezes havia mandado castigá-los severamente. Diversos ataques justificados pela insubmissão foram empreendidos contra os Ndembos, castigados com grande crueldade pelo capitão Antonio Bruto que mandou cortar cabeças dos sobas e aprisionaram centenas de pessoas.³⁸

No período da ocupação holandesa de Angola (1641-1648) diversas guerras foram empreendidas pelos portugueses contra os sobas que não se alinhavam aos interesses da “conquista”, visando o aprisionamento de escravos. Nzinga destacou-se como contrapeso nestas guerras, auxiliando os sobas invadidos a defenderem seus povos e territórios. Os holandeses também se inseriram nas disputas existentes e, várias vezes, enviaram soldados e armas para as guerras angolanas, apoiaram os chefes locais para ter em troca privilégios comerciais, leia-se fornecimento de escravos.

Nzinga Mbandi, com seu gigantesco kilombo instalado em Sengas de Cavanga, foi se apoderando dos territórios vizinhos dos Ndembos, “uns por medo de suas armas, outros pelas [para] não a experimentarem, lhe renderam adorações como sua rainha e senhora”. Contou com a ajuda de cem soldados flamengos para submeter a todos os sobas e assim conseguiu dominar toda a região dos Ndembos.³⁹

Vê-se que a aliança de Nzinga com os holandeses não se restringia ao comércio, mas valia também no campo militar e ambos os interesses se complementavam. Os holandeses deram muitas armas de fogo a Nzinga, o que contribuiu para aumentar ainda mais seu poder bélico e permitiu a expansão de seu domínio político. Nzinga mandou “peças” aos Flamengos para garantir sua ajuda na guerra contra os portugueses⁴⁰, assim, aproveitou-se dos conflitos existentes entre os países europeus para ganhar espaços de mando e territórios. Durante a ocupação holandesa, Nzinga consolidou seu poder em longa área, que ia do rio Kwango, passava pela Matamba e se expandia em direção ao

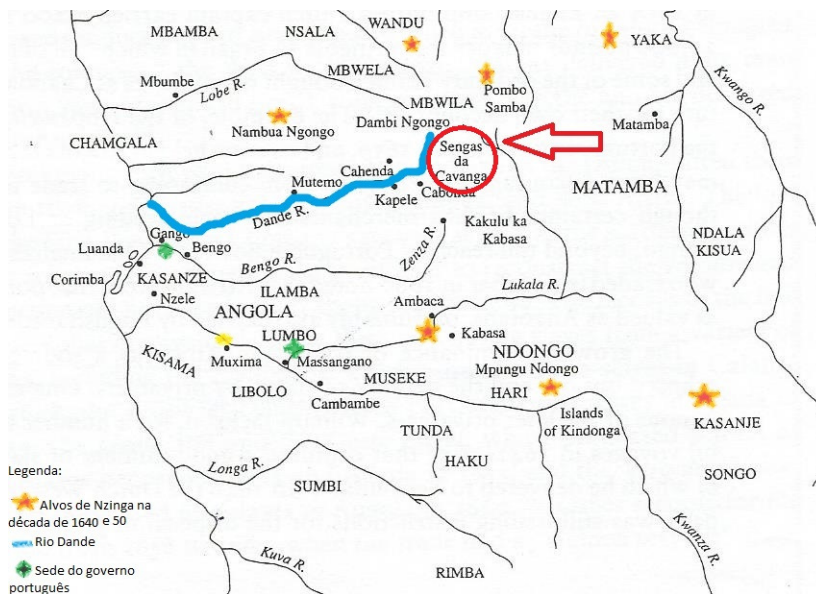
³⁸ Cadornega. P. 289-290.

³⁹ Cadornega. p.294. A derrota de Quitexi Candambi aconteceu aproximadamente em 1643.

⁴⁰ Cadornega. P. 393.

Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP Santos-2014

norte, nas fronteiras com o Congo e ainda garantia uma rota para o litoral, onde comercializava com os holandeses.



Expansão do poder de Nzinga Mbandi nas décadas de 1640-50

Além das vantagens comerciais, a conquista dos Ndembos representou a expansão do domínio político e militar de Nzinga uma vez que, ao assumir o comando destas chefaturas passou a dirigir também as tropas que as compunham.⁴¹

A batalha dos Empures (1644) é um bom exemplo de como Nzinga foi acionada para a proteção do soba Ngolomen-a-Kaita (Angolomen Acaita), que teve suas terras invadidas após assaltar vassalos portugueses. Após uma sangrenta batalha, Ngolomen-a-Kaita recolheu-se com toda sua gente e mantimentos nos *empures*, que são concavidades formadas de forma natural nas rochas utilizadas como abrigo e esconderijo. O capitão português mandou cercar todas as entradas daquele *empures* para que a fome forçasse uma rendição. O soba mandou embaixadores ao kilombo de Nzinga em Sengas de Cavanga, “que lhe pediam como sua Senhora que era os amparasse e socorresse com brevidade”⁴². Rapidamente Nzinga nomeou os soldados mais experientes e “empacaceiros” com espingardas e mosquetes, comandados pelo seu Capitão Geral Nzinga-a-Mona. O socorro chegou de surpresa, quando parte da guerra preta e dos jagas aliados haviam saído para buscar frutos na mata, já que todos

⁴¹ Os Ndembos sempre apareceram nas fontes como falantes do Kicongo e leais ao *mani* Congo, porém eram chefaturas independentes.

⁴² Cadornega. P. 349.

padeciam de fome. A batalha estava muito apertada, quando, no auge do conflito, apareceu a própria rainha em ponto estratégico, observando e dando ordem de prenderem os brancos e sustentarem a guerra. “Com este mandato expresso, vindo de quem eles adoravam com a seu Deus, foi o combate muito rigoroso”.⁴³ O confronto terminou com a morte de todos os portugueses, exceto o capelão e mais seis que tiveram a vida poupada.

Expandindo seu domínio ainda mais para o norte, Nzinga conquistou o território do *Mani* Oando (Wandu), vassalo do *mani* Congo. Segundo os informantes de Cadornega, a invasão teria sido consentida pelo *mani* Congo:

“e o certo he, que até o mesmo Rey de Congo com ser tão poderozo temia muito a mesma Rainha Ginga, e não folgava de a ver tão perto de sy, e se não havia de metter em defender aquelle Duque”⁴⁴.

O ataque a Oando contou com poucos guerreiros, bem menos do que tinha aquele *mani*, mas este subestimou o poder de fogo dos esquadrões de Nzinga que armou uma emboscada para dominar o território.

Nzinga Mbandi começou a atacar sistematicamente a fortaleza de Ambaca, um dos pontos remanescentes do poder português no reino do Ndongo. Ambaca ficava às margens do rio Lukala, na confluência com o rio Kwanza, de onde se poderia facilmente acessar as vias que levavam ao litoral. Nzinga desejava retomar a rota do rio Kwanza, onde os portugueses asseguravam o monopólio comercial e para isso ameaçou várias vezes invadir aquela fortaleza onde poucos soldados lusos guardavam armas e munições. O cerco a Ambaca foi tão intenso que o contingente que a guarnecia quase padeceu de fomes e misérias, pois ela não permitia que chegasse ali nenhum socorro de alimentos ou de remédios.

Em 1646, o kilombo de Nzinga em Sengas de Cavanga foi invadido, o que resultou na segunda prisão de sua irmã Mocambo e no assassinato de sua outra irmã Kifungi, que estava refém dos portugueses e foi afogada no Kwanza por espionagem após encontrarem cartas suas informando a rainha das ações dos portugueses.

⁴³ Cadornega. P.351.

⁴⁴ Cadornega. P. 327

Durante a ocupação holandesa, Nzinga uniu-se ao *mani* Congo (chamado *kimpaco*, feiticeiro) e a mais sobas rebelados para exterminar a presença portuguesa na região. Juntos atacaram as fortalezas de Massangano, Cambambe, o alojamento dos portugueses no Lumbo e na Ilamba e conseguiram assim derrotar grande parte dos exércitos a serviço lusitano. Conseguiram também bloquear a passagem do rio Lukala, sem permitir nem mesmo que os escravos dos portugueses buscassem comida. Cadornega registrou que, neste período, todos os sobas vacilavam na amizade com Portugal e seguiam Nzinga, “sua senhora antiga” na intenção de dominarem o rei do Ndongo.⁴⁵

Considerações finais

A conquista de Matamba por Nzinga Mbandi na década de 1630 foi fundamental para lhe garantir um centro para seu poder político, uma vez que o reino do Ndongo lhe havia sido tirado de forma artificial pelos portugueses. Em Matamba, Nzinga montou um estado poderoso e militarmente forte alicerçado na organização dos kilombos jagas. Assim, pôde expandir seu poder para áreas estratégicas, como a região dos Ndembos e a fronteira sul do Congo, alcançando a via do rio Ndande, que lhe permitia acessar o litoral. A chegada dos holandeses representou mais um novo aliado em sua luta contra os portugueses, pois lhe deram o acesso a armas de fogo e disponibilizaram soldados para suas guerras. Nzinga soube capitanear o apoio dos sobas descontentes com a “conquista” e, junto com o *mani* Congo, formou uma “confederação”, cujo principal objetivo era a expulsão dos lusos da África Central.

Este objetivo não foi alcançado devido à reconquista luso-brasílica em 1648⁴⁶, mas Nzinga tornou-se líder supra-regional, seguida e respeitada por centenas de pessoas das mais diversas origens étnicas. Matamba tornou-se pólo de atração populacional e passou a receber grandes levadas de pessoas que fugiam das guerras provocadas pelo tráfico de escravos. Não eram apenas escravos que fugiam, mas também muitos sobas abandonavam o Ndongo por não acreditar nas habilidades de Ngola Ari- o rei entronizado pelos portugueses- e iam engrossar as fileiras de Nzinga em Matamba. A rainha acolhia a todos e, provavelmente, eram iniciados nos treinamentos militares dos

⁴⁵ Cadornega. P. 526.

⁴⁶ Alencastro, L.F. *O trato dos viventes*. P.266

jagas e passaram a viver sob a observância das leis *ijila*. Como jaga Nzinga viveu até sua “re-conversão” ao cristianismo em 1656. Após sua morte, em 1663, uma nova etnia surgiu na região de Matamba, a “jinga”, que nos mostra que a rainha foi importante na reconfiguração das identidades étnicas em Angola.

Nzinga Mbandi passou para a história como rainha guerreira imortal, que resistiu a invasão portuguesa e reuniu poderoso exército de distintas origens, criando uma nova identidade no povo angolano. Se as mulheres não podiam assumir o poder antes dela, depois de sua longa luta, ela tornou-se uma referência do poder feminino e várias outras rainhas de Angola declaravam-se descendentes de Nzinga Mbandi.⁴⁷ Nzinga Mbandi tornou-se ela mesma um precedente histórico e contribuiu para a legitimação do poder feminino na África Central. A combinação dos reinos do Ndongo e Matamba (título que passou a ser usado após sua morte) que ela governou, teve numerosas rainhas nos séculos seguintes: no período de 104 anos que se seguiu a morte de Nzinga, rainhas governaram por pelo menos 80 anos.⁴⁸ Foram elas: sua irmã, D. Bárbara, que governou entre 1663 e 1666, rainha Verônica I (1681-1721), Ana II (1741-1756), Verônica II (1756-1758) Ana III (1758-?).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU DE BRITO, Domingos. *Sumário e Descrição do reino de Angola e do descobrimento da ilha de Loanda e da grandeza das capitanias do Estado do Brasil* (1592). Coimbra, 1931.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRÁSIO, Antônio. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952.

CADORNEGA, Antônio de Oliveira. *História geral das guerras angolanas*. (1681). 3 vols. Ed. Anot. Cônego José Mathias Delgado (vols.1 e 2) e Manuel Alves da Cunha (vol.3). Lisboa, 1972

CAMPOS, Fernando. A data da morte de D. Verônica I, Rainha do Ndongo e Matamba. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. n.4. USP: São Paulo, 1981

⁴⁷ Ministério da Cultura de Angola e UNESCO. *Njinga a Mbande e Aimé Cesaire: Independência e universalidade*. Catálogo do seminário e da exposição comemorativa dos 350 anos do aniversário de morte da soberana. Luanda, 13 e 14 de dezembro de 2013

⁴⁸ Thornton, J. Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624-1663.p.40.

Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP
Santos-2014

CASTILHON, J.-L. *Zingha, Reine d'Angola*. Histoire Africaine. Bourges: Edition de l'Association Gaymede, 1993. Primeira edição de 1770.

CAVAZZI, Giovanni. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

CAVAZZI, Giovanni de Montecculo. Manuscrito Araldi: "Missione evangelica al regno di Congo".vol.A. Traduzido para o inglês por Jhon Thornton. Disponível em: <http://www.bu.edu/afam/faculty/john-thornton/cavazzi-missione-evangelica-2/> (acesso em julho de 2014)

COSTA E SILVA, Alberto da. *A enxada e a lança: A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: EditorA Nova Fronteira, 2002.

COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão. 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

FELNER, Alfredo de Albuquerque. *Angola. Apontamentos sobre a ocupação o inicio do estabelecimento dos Portugueses no Congo, Angola e Benguela extraídos de documentos históricos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

GAETA, Antonio da. *La meravigliosa conversione alla santa fede di Cristo della Regina Singa, e del suo regno di Matamba nell'Africa Meridionale*. Descrita com histórico stile dal P.F. Francesco M. Gioia da Napoli. Napoli: Giacinto Pássaro, 1669.

HEINTZE, Beatrix. *Fontes para a história de Angola. Vol.I. Memórias, relações e outros manuscritos da Colectânea Documental de Fernão de Sousa(1622-1635)*. Studien zur Kulturkunde, Bd. 75. Stuttgart: Steiner 1985.

HEINTZE, Beatrix. *Fontes para a história de Angola. Vol.II. Cartas e documentos oficiais da Colectânea Documental de Fernão de Sousa (1624-1635)*. Studien zur Kulturkunde, Bd. 88. Stuttgart: Steiner 1988.

HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII*. Estudos sobre Fontes, Métodos e História, Luanda: Kilombelombe, 2007.

HEYWOOD, Linda & THORNTON, John. *Central Africans, Atlantic creoles, and the Foundation of the Americas, 1585-1660*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MATA, Inocência (org.). *A rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

MATA, Inocência & PADILHA, Laura C. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007

MILLER, Joseph. "Nzinga of Matamba in a new perspective". *The Journal of AfricanHistory*. V.6, n.2, 1975. pp.201-216.

MILLER, Joseph. *Poder político e parentesco: os antigos estados Mbundu em Angola*. Trad. De Maria da Conceição Neto. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995. Título

Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP
Santos-2014

original: *Kings and Kinsmen: early Mbundu States in Angola*. Oxford: Claredon Press, 1976.

Ministério da Cultura de Angola e UNESCO. *Njinga a Mbande e Aimé Cesaire: Independência e universalidade*. Catálogo do seminário e da exposição comemorativa dos 350 anos do aniversário de morte da soberana. Luanda, 13 e 14 de dezembro de 2013.

PARREIRA, Adriano. *Economia e sociedade na época da Rainha Jinga*.(Século XVII). Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

THORNTON, John. "Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624-1663". *The Journal of African History*, Vol. 32, No. 1 (1991), pp. 25-40. Cambridge University Press.

SADE, Donatien Alphonse François de. *La philosophie dans le boudoir*. (1795). Paris, 1976.

SAUVAGE, Emmanuelle. *Sade et l'exotisme africain: images de Noirs*. In: *Erudit, études littéraires*. v. 37 n.3, 2006